

## UMA NOVA TEORIA PARA O ESTUDO DOS TEXTOS: TEORIA DA ESTRUTURA RETÓRICA - *RETHORICAL STRUCTURE THEORY (RST)*

Cristina Mara França Pinto Fonseca  
Doutoranda em Linguística da textualização e textualidade - UFMG  
Prof. Ms. e coord. do curso de Letras da Faculdade de Pará de Minas  
crismarafranca@gmail.com

### Resumo

Neste artigo, temos a pretensão de divulgar uma nova teoria para o estudo de textos: Teoria da Estrutura Retórica - Rethorical Structure Theory (RST) para o processo ensino- aprendizagem de textos. A RST é uma teoria descritiva de cunho funcionalista, desenvolvida na Costa Oeste, na Universidade do Sul da Califórnia. Uma teoria que possibilita reconhecer a estrutura hierárquica dos textos com vistas à coerência. O objetivo geral é divulgar a RST para o ensino da produção e recepção de textos na esfera educacional e demonstrar a sua aplicação em outras áreas, principalmente, com as de processamento de textos orais e escritos. Dessa forma, podemos concluir que a RST contribui para o entendimento de texto e por isso deve ser conhecida e aplicada no ensino da produção e recepção de textos.

**Palavras-chave:** Ensino- aprendizagem. Funcionalismo. Relações retóricas. RST. Textos.

### Abstract

This paper aims at spreading a new theory for text studies: The Rethorical Structure Theory (RST) for the teaching-learning process of texts. The RST is descriptive theory of functionalist nature, developed in the West Coast, at the University of Southern California. It is a theory which enables to recognize the hierarchic structure of texts in order to coherence. The general aim is to spread the RST for the teaching of production and reception of texts in the educational field as well as demonstrating its application to other areas, mainly with that of written and oral text processing. Therefore, we can conclude that the RST has contributed to the text comprehension and so, it should be recognized and applied in the teaching of production and reception of texts.

**Keywords:** RST. Texts. Functionalism. Rhetorical relations. Teaching and learning.

## 1. INTRODUÇÃO

Neste artigo, pretendemos propagar a Teoria da Estrutura Retórica - Rethorical Structure Theory (RST). Essa teoria é recente, surgiu em 1983, quando um grupo de estudiosos da Costa Oeste da Universidade do Sul da Califórnia, do Instituto de Ciências da Informação como Mann (1983), Thompson (1983), Matthiessen (1989), percebeu no trabalho da escrita gerada por computador, que não havia nenhuma teoria da organização ou função do discurso que descrevesse

de forma adequada princípios para programar a geração automática de textos. Dessa forma, na tentativa de responder a esse problema, esses estudiosos desenvolveram a RST como aporte de outras fontes, criteriosamente, abordado.

Assim, a RST assumiu um arcabouço linguístico e separou-se, de uma certa forma, das aplicações computacionais. Nessa perspectiva, passou-se ao estudo da organização dos textos, ou da estrutura retórica dos gêneros textuais orais ou escritos em busca da coerência.

A fim de questionar as considerações acima, pergunta-se: - Por que a divulgação da RST pode contribuir para o estudo de textos e para o ensino-aprendizagem? - Como a RST, na esfera linguística, explicará a estrutura organizacional do texto? - De que forma a RST pode comungar com outras áreas que se preocupam com as questões textuais?

Diante das questões acima propostas, iremos propagar a teoria, descrevendo-a e explicitando os seus princípios norteadores, buscando respostas para demonstrar o valor da teoria para os trabalhos de produção, reconhecimento das estruturas organizacionais e entendimento dos textos. Fornecendo dados para sinalizar a interlocução da RST com outras áreas que têm por objeto o texto. Portanto, a RST, no âmbito escolar, poderá contribuir significativamente para o ensino-aprendizagem da produção textual.

A nossa hipótese se confirma, por acreditarmos que a divulgação da Teoria da Estrutura Retórica- Rethorical Structure Theory (RST) pode contribuir para a produção e recepção de textos, porque pretende explicar a estrutura composicional dos textos em busca da coerência textual.

O nosso objetivo principal é divulgar a RST para os professores e alunos como um auxílio na produção e recepção de textos e a sua interface com outras áreas, principalmente, com as de processamento de textos orais e escritos. Em decorrência desse propósito, exporemos os princípios norteadores da RST. Mostraremos as relações retóricas que podem emergir entre as porções dos textos, as quais podem contribuir para a organização dos textos em face da coerência textual.

Para essa divulgação falaremos, brevemente, sobre o funcionalismo linguístico no qual a Teoria da Estrutura Retórica está inserida. Em seguida, exporemos os princípios da RST.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

Atualmente, os estudos linguísticos se pautam na concepção da língua em funcionamento, ou seja, a língua em situações reais de uso. Isso significa, nas palavras de Neves (2013, p.15) que *“colocar como objeto de investigação a língua em uso é ter presente que o uso da linguagem e a produção de texto se fazem na interação.”* Portanto de acordo com a autora, a *“explicitação do uso*

de uma língua particular” está arraigada “em reflexão sobre os dados”, representando assim, o entendimento “do próprio funcionamento da língua”. Para clarear essas afirmações sobre a língua em sua funcionalidade, falaremos um pouco sobre o funcionalismo linguístico.

## 2.1. O funcionalismo linguístico

Para que haja um direcionamento para a nossa proposta, é preciso que fique claro que a tendência a ser seguida se fundamenta nos usos interacionais e funcionais da linguagem. Nesse sentido, a teoria funcionalista permite um trabalho com fatos da língua nos quais o texto, oral ou escrito, nos conduz a uma situação de práticas discursivas. O Funcionalismo Linguístico teve suas origens na Escola Linguística de Praga, referente a um grupo de estudiosos da linguagem, da década de 20. Para esses estudiosos, nas palavras de Neves (2004, p.17-23), “*a linguagem, acima de tudo, permite ao homem reação e referência à realidade extralinguística*”; o que propõe a língua na sua funcionalidade.

Seguem algumas postulações sobre o funcionalismo para fundamentar a nossa perspectiva teórica.

Nas palavras de Neves (2013, p.17) “*são pontos centrais numa gramática funcionalista: - o uso (em relação ao sistema); - o significado em relação à forma); - social (em relação ao individual)*”.

Conforme Dick (1978, p 5), “*O funcionalismo é um instrumento de interação social*”, isto é “*ter a competência comunicativa: a capacidade das expressões linguísticas devem proporcionar pontos de contato com seu funcionamento em dadas situações*”.

Para Givón (1995), não existe a autonomia linguística. Compreende que os fatos linguísticos não podem ser compreendidos isoladamente, devem ser ancorados nas esferas linguísticas, comunicativas, sociais, cognitivas, culturais e pragmáticas.

Portanto, Givón (1995, p. 9) propõe que as premissas do funcionalismo linguístico são:

- a) a linguagem é uma atividade sociocultural;
- b) a estrutura serve a uma função cognitiva ou comunicativa;
- c) a estrutura é não arbitrária, motivada, icônica;
- d) a mudança e a variação estão sempre presentes;
- e) o significado é dependente de contexto e não atômico;
- f) as categorias não são discretas (no sentido de serem estanques);

- g) a estrutura é maleável, não rígida;
- h) as gramáticas são emergentes e as regras da gramática permitem desvios.

Castilho (2012, p. 17) defende “o estudo da língua em seus usos na sociedade, pois são dados reais, o que torna tal estudo coerente. Para Castilho (2012, p.28), o funcionalismo contempla três aspectos: *“o uso da língua para determinado propósito, as relações estruturais entre signos, os papéis assumidos pelos constituintes numa sentença”*. Dessa forma, essa teoria privilegia a língua em uso, seus enunciados reais, concebidos na integração dos aspectos sintático, semântico e pragmático.

Segundo o autor supracitado (2012 pp.18-19), a linguística, centrada no uso, refere-se à tendência de análise das línguas que descreve um rol das teorias dos representantes da linguística funcional, como como Givón (1979); Hopper (1993); Thompson (1992); Halliday (1974) e Matthiessen (2004); Neves (1997) e Decat (2001).

Castilho (2012, p.21) propõe que *“a pesquisa funcionalista concentra-se no esclarecimento das relações entre forma e função, especificando aquelas funções que exercem influências na estrutura gramatical.”*.

Nessa direção, Decat (2012), numa abordagem funcional-discursiva da língua, reivindica a importância das teorias funcionalistas para a caracterização dos gêneros. Nas palavras de Decat (2012, p.151), *“tal abordagem teórica permitirá detectar que as formas recorrentes num determinado gênero, ou em um grupo de gêneros, servem à caracterização do gênero, na medida em que elas são uma decorrência dos objetivos sociocomunicativos do próprio gênero.”*

Assim, o funcionalismo linguístico procura explicar que os fatos linguísticos são tratados em função dos propósitos discursos- pragmáticos.

## **2.2. A estrutura da teoria retórica – RST**

Conforme já pontuamos, a RST é uma teoria funcionalista. Essa teoria visa estudar a organização dos textos e o estabelecimento das relações entre as porções do texto, (*span*) e explicitar a coerência, conforme Mann e Thompson (1983, 1988); Mann, Matthiessen e Thompson (1989).

Segundo Mann, Matthiessen e Thompson (1992 p. 9), *“a unidade e coerência surgem porque todas as partes de um texto vão contribuindo para um único propósito do escritor, ou seja, como essas partes vão sendo organizadas para atingir um único efeito.”*

Ressaltamos a importância da RST, que tem como um dos pressupostos teóricos as relações que se estabelecem entre as orações, as quais podem ser descritas com base na intenção comunicativa do falante/produzidor e na avaliação que estes fazem do ouvinte/leitor, que se refletem nas escolhas do produtor para organizar e apresentar conceitos. A avaliação do analista tem como critério a plausibilidade, em outras palavras, é possível a interpretação de um dado linguístico ancorada por fatores de ordem social- pragmática.

Segundo os autores supracitados, a organização retórica do discurso se faz pela combinação de orações. Para Van Dijk *apud* Marquesi (1995, p.37), o conceito de macro e de microestrutura foi adotado pelos que entendem que a macroestrutura é uma estrutura cognitiva de significado mais geral que dá unidade e coerência ao texto.

Pelas postulações de Taboada e Mann (2006, p. 441), entendemos que as proposições relacionais promovem significados que emergem entre duas porções de texto - partes maiores ou orações – mesmo sem a presença de qualquer marca linguística.

Segundo Van Dijk *apud* Marquesi (1995, p.30) a superestrutura textual "*fornece a sintaxe completa para o significado global*", isto é, para a macroestrutura do texto.

Vilela e Koch (2001, p.555) postulam que a macroestrutura representa "*uma espécie de estrutura profunda semântica do texto*".

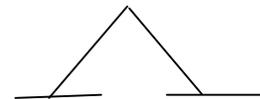
Para a identificação das relações retóricas pelo analista, Mann e Thompson (1988, p.243) orientam que tal ação deve se basear em critérios funcionais e semânticos, com a intenção de identificar e analisar a função de cada porção de texto, além de verificar como o texto comunga com seu possível leitor. Desse modo, nas palavras de Mann & Thompson (1988, p. 245) o texto veicula "*um conteúdo proposicional explícito, que é representado pelas orações que o formam, além de conter proposições implícitas, designadas proposições relacionais, configuradas pelas relações que se estabelecem entre porções do texto*", ou seja, as relações de coerência.

Mann & Thompson (1983, 1988, p. 250) propõem um quadro com aproximadamente 25 relações retóricas, o qual já foi ampliado.

Para a análise, as relações são demonstradas, segundo Mann e Thompson (1988, pp. 246-248), mediante diagramas, que demonstram os esquemas das porções textuais, a saber:

- a) Relações multinucleares: uma porção de texto não é ancilar a outra; nesse tipo de relação, cada porção de texto representa um núcleo distinto, como é demonstrado no ESQUEMA 1: Relação multinuclear

Diagrama 01

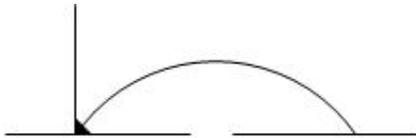


Fonte: MANN; THOMPSON, 1988, p. 247.

b) Relações núcleo-satélite: Uma porção do texto (satélite) é ancilar à outra (núcleo). Essa relação é demonstrada no ESQUEMA 2, em que um arco vai da porção que serve de subsídio para a porção que tem a função de núcleo. O núcleo é demonstrado pela linha vertical. Aqui, o satélite pode aparecer antes ou depois do núcleo.

ESQUEMA 2: Relação núcleo-satélite, com o satélite depois do núcleo.

Diagrama 02



Núcleo

Satélite

Fonte: MANN; THOMPSON, 1988, p. 247.

ESQUEMA 3: Relação de núcleo-satélite, com o satélite antes do núcleo.

Diagrama 03



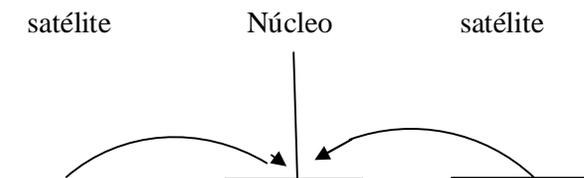
Satélite

Núcleo

Fonte: MANN; THOMPSON, 1988, p. 247.

ESQUEMA 4: Relação núcleo-satélite, com satélite antes e depois do núcleo.

Diagrama 04



satélite

Núcleo

satélite

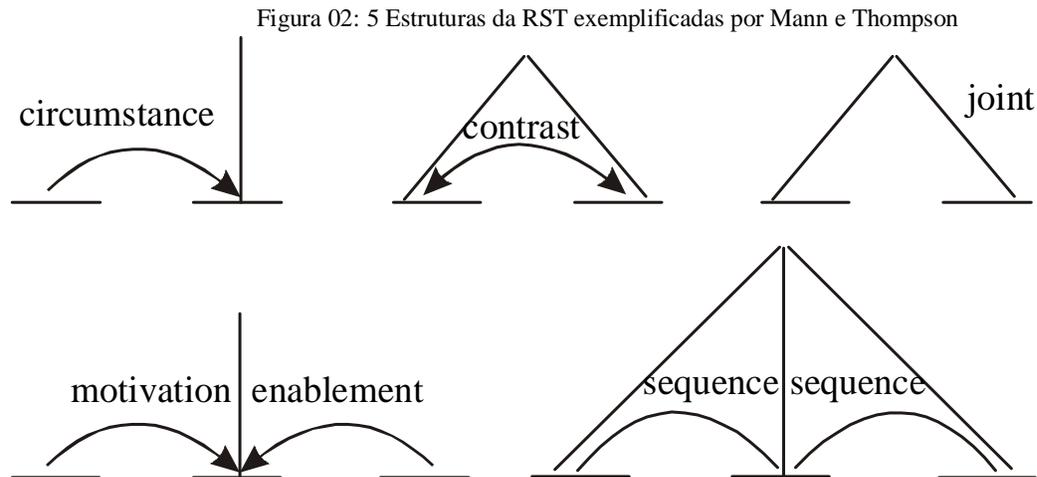
Fonte: MANN; THOMPSON, 1988, p. 247.

Os esquemas caracterizam-se como padrões pré-definidos que especificam como as porções do texto se relacionam, a fim de formar porções maiores ou todo o texto. Ao serem aplicados em

um texto, os esquemas não seguem, obrigatoriamente, os padrões preestabelecidos, podendo haver variações, como podemos observar nas convenções abaixo:

- a) a ordem em que aparece o núcleo e o satélite não é fixa;
- b) uma relação que faz parte de um esquema pode ser aplicada quantas vezes forem necessárias;
- c) em esquemas multinucleares, as relações individuais são opcionais, porém, pelo menos uma das relações deve ser estabelecida.

Vejamos 5 esquemas com estruturas possíveis da RST.

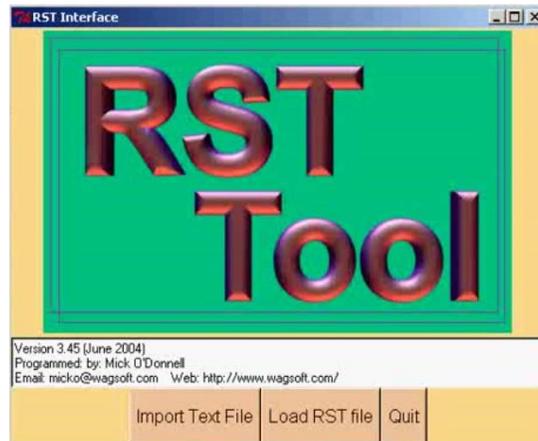


Fonte: MANN; THOMPSON, 1988, p. 247.

A RST possui a ferramenta *RST – Tool* para o trabalho de análise das unidades informacionais que elaboram os diagramas, por meio dessa ferramenta poderemos segmentar os textos em unidades informacionais, estabelecendo as relações retóricas que emergem entre as porções dos textos.

Vejamos a ferramenta *RST- Tool*. O programa não faz a análise automaticamente. O analista faz a análise e o utiliza para formatar os diagramas. Podemos também fazer as análises manualmente, o que aumenta muito o formato (tamanho) dos diagramas.

Figura 03 - Programa *RSTTool*, versão 3.45, de Mick O'Donnel



Fonte: disponível para download no site [www.wagssoft.com](http://www.wagssoft.com).

Para o procedimento de análise, devemos seguir estas orientações:

Para a execução de uma análise, utilizaremos como estratégia a segmentação, que é segmentar as unidades de informação (*unit idea*) proposta por Chafe (1980, p.14), que as considera como “jatos de linguagem ou blocos de informação”, considerando a pausa como um recurso proeminente para sinalizar essa identificação, mas não somente esse recurso. Nas palavras de Decat (2010, p.233), “as unidades de informação equivalem a uma oração, mas não necessariamente, podendo ser qualquer porção que constitua uma unidade de informação”.

Os passos serão assim executados:

- a) Segmentação das unidades de informação ou porções textuais evidenciadas no texto ou gênero a ser analisado;
- b) Análise das proposições relacionais, considerando as porções textuais, que pode ser feita no programa RST-tool ou pelo próprio analista;
- c) Análise dos resultados considerando os objetivos propostos.

A seguir focalizaremos os princípios norteadores da Teoria da Estrutura Retórica, conforme Mann e Thompson (1989, pp. 6-7):

- Organização: Os textos se organizam de modo que suas partes sejam funcionalmente significativas; portanto, as partes se combinam, formando porções maiores de textos até constituírem o texto completo.
- Unidade e coerência: O texto se constitui como uma unidade de sentido, sendo que todas as partes textuais contribuem na formação dessa unidade.
- Unidade e coerência surgem da função estabelecida: A percepção de um texto como uma unidade coerente se dá pelo fato de suas partes contribuírem para que o efeito pretendido pelo escritor seja estabelecido.
- Hierarquia: O texto se organiza de modo que partes elementares componham porções maiores que, juntas, constituem outras ainda maiores até formarem o texto completo. A hierarquia demonstra que a estrutura do texto não se resume a porções textuais adjacentes nem a um conjunto de orações lineares ou proposições semânticas.
- Homogeneidade da hierarquia: Na estrutura relacional, a RST evidencia homogeneidade: em cada nível, há um conjunto de modelos estruturais disponíveis para organizar o texto, desde grandes porções textuais, um elemento holístico de uma estrutura (por exemplo, o corpo de uma carta, o corpo de um artigo de uma revista, ou o texto completo), até níveis menores (como duas orações que se combinam).
- Composição relacional: O modelo estrutural dominante é o relacional, isto é, observam-se as relações entre porções menores de textos e de que forma essas se relacionam até formarem partes maiores.
- Assimetria das relações: O tipo de relação mais comum é o núcleo-satélite, que se caracteriza por ser uma relação assimétrica. Essa assimetria ocorre porque um membro da porção textual é mais central (o núcleo) e o outro mais periférico (o satélite).
- Natureza das relações: As relações estabelecidas no texto são funcionais, ou seja, caracterizam-se por se constituírem por meio dos efeitos produzidos pelo texto.
- Número de relações: As relações não são fixas, não constituem um inventário fechado; por isso, novas relações podem ser definidas. (MANN; THOMPSON, 1989, p. 6-7).

Vejamos o quadro das relações retóricas identificadas por Mann e Thompson (1983) e focalizada por Taboada (2006, p. 571).

Nos três quadros que se seguem apresentamos o nome da relação e a sua definição.

<b>Definições das relações de apresentação</b>			
<b>Nome da relação</b>	<b>Condições em S ou N, individualmente</b>	<b>Condições em N + S</b>	<b>Intenção do A</b>
Antítese	em N: A tem atitude positiva face a N	N e S estão em contraste (cf. a relação de Contraste); devido à incompatibilidade suscitada pelo contraste, não é possível ter uma atitude positiva perante ambas as situações; a inclusão de S e da incompatibilidade entre as situações aumenta a atitude positiva de L por N	A atitude positiva do L face a N aumenta
Concessão	em N: A possui atitude positiva face a N em S: A não afirma que S não está certo	A reconhece uma potencial ou aparente incompatibilidade entre N e S; reconhecer a compatibilidade entre N e S aumenta a atitude positiva de L face a N	A atitude positiva de L face a N aumenta
Elaboração	em N: apresenta uma ação de L (incluindo a aceitação de uma oferta), não realizada face ao contexto de N	A compreensão de S por L aumenta a capacidade potencial de L para executar a ação em N	A potencial capacidade de L para executar a ação em N aumenta
Evidência	em N: L pode não acreditar em N a um nível considerado por A como sendo satisfatório em S: L acredita em S ou considera-o credível	A compreensão de S por L aumenta a crença de L em N	A crença de L em N aumenta
Fundo	em N: L não compreende integralmente N antes de ler o texto de S	S aumenta a capacidade de L compreender um elemento em N	A capacidade de L para compreender N aumenta
Justificação	nenhuma	A compreensão de S por L aumenta a sua tendência para aceitar que A apresente N	A tendência de L para aceitar o direito de A a apresentar N aumenta
Motivação	em N: N é uma ação em que L é o ator (incluindo a aceitação de uma oferta), não realizada face ao contexto de N	A compreensão de S aumenta a vontade de L para executar a ação em N	A vontade de L para executar a ação em N aumenta
Preparação	nenhuma	S precede N no texto; S tende a fazer com que L esteja mais preparado, interessado ou orientado para ler N	L está mais preparado, interessado ou orientado para ler N
Reformulação	nenhuma	em N + S: S reformula N, onde S e N possuem um peso semelhante; N é mais central para alcançar os objetivos de A do que S	L reconhece S como reformulação
Resumo	em N: N deve ser mais do que uma unidade	S apresenta uma reformulação do conteúdo de N, com um peso inferior	L reconhece S como uma reformulação mais abreviada de N

<b>Definições das relações de conteúdo</b>			
<b>Nome da relação</b>	<b>Condições em S ou N, individualmente</b>	<b>Condições em N + S</b>	<b>Intenção do A</b>
Alternativa (anticondicional)	em N: N representa uma situação não realizada em S: S representa uma situação não realizada	Realização de N impede a realização de S	L reconhece a relação de dependência de impedimento que se estabelece entre a realização de N e a realização de S
Avaliação	nenhuma	em N + S: S relaciona N com um grau de atitude positiva de A face a N	L reconhece que S confirma N e reconhece o valor que lhe foi atribuído
Causa involuntária	em N: N não representa uma ação voluntária	S, por outras razões que não uma ação voluntária, deu origem a N; sem a apresentação de S, L poderia não conseguir determinar a causa específica da situação; a apresentação de N é mais importante para cumprir os objetivos de A, ao criar a combinação N-S, do que a apresentação de S	L reconhece S como causa de N
Causa voluntária	em N: N constitui uma ação voluntária ou mesmo uma situação possivelmente resultante de uma ação voluntária	S poderia ter levado o agente da ação voluntária em N a realizar essa ação; sem a apresentação de S, L poderia não perceber que a ação foi suscitada por razões específicas ou mesmo quais foram essas razões; N é mais importante do que S para cumprir os objetivos de A, na criação da combinação N-S	L reconhece S como a causa da ação voluntária em N
Circunstância	em S: S não se encontra realizado	S define um contexto no assunto, no âmbito do qual se pressupõe que L interprete N	L reconhece que S fornece o contexto para interpretar N
Condição	em S: S apresenta uma situação hipotética, futura, ou não realizada (relativamente ao contexto situacional de S)	Realização de N depende da realização de S	L reconhece de que forma a realização de N depende da realização de S
Condição inversa	nenhuma	S afeta a realização de N; N realiza-se desde que S não se realize	L reconhece que N se realiza desde que S não se realize
Elaboração	nenhuma	S apresenta dados adicionais sobre a situação ou alguns elementos do assunto apresentados em N ou passíveis de serem inferidos de N, de uma ou várias formas, conforme descrito abaixo. Nesta lista, se N apresentar o primeiro membro de qualquer par, então S inclui o segundo: conjunto: membro abstração: exemplo Todo: parte processo: passo objeto: atributo generalização: especificação	L reconhece que S proporciona informações adicionais a N. L identifica o elemento do conteúdo relativamente ao qual se fornece pormenores
Incondicional	em S: S poderia afetar a	N não depende de S	L reconhece que N não

	realização de N		depende de S
Interpretação	nenhum	em N + S: S relaciona N com várias ideias que não se encontram diretamente relacionadas com N, e que não estão relacionadas com a atitude positiva de A	L reconhece que S relaciona N com várias ideias que não se encontram relacionadas com o conhecimento apresentado em N
Método	em N: uma atividade	S apresenta um método ou instrumento que tende a aumentar as probabilidades de realização de N	L reconhece que o método ou instrumento de S tende a aumentar as probabilidades de realização de N
Propósito	em N: N é uma atividade; em S: S é uma situação que não se encontra realizada	S será realizado através da atividade de N	L reconhece que a atividade em N se inicia para realizar S
Resultado involuntário	em S: S não representa uma ação voluntária	N causou S; a apresentação de N é mais importante para cumprir os objetivos de A, ao criar a combinação N-S, do que a apresentação de S	L reconhece que N poderia ter causado a situação em S
Resultado voluntário	em S: S constitui uma situação ou ação voluntária possivelmente resultante de uma ação voluntária	N pode ter causado S; a apresentação de N é mais importante para cumprir os objetivos de A do que a apresentação de S	L reconhece que N pode ser uma causa da ação ou situação em S
Solução	em S: S apresenta um problema	N constitui uma solução para o problema apresentado em S	L reconhece N como uma solução para o problema apresentado em S

### Definições das relações multinucleares

Nome da relação	Condições em cada par de N	Intenção de A
Conjunção	Os elementos unem-se para formar uma unidade onde cada um dos elementos desempenha um papel semelhante	L reconhece que os elementos inter-relacionados se encontram em conjunto
Contraste	Nunca mais de dois núcleos; as situações nestes dois núcleos são (a) compreendidas como sendo as mesmas em vários aspectos (b) compreendidas como sendo diferentes em alguns aspectos, e (c) comparadas em termos de uma ou mais destas diferenças	L reconhece a possibilidade de comparação e a(s) diferença(s) suscitadas pela comparação realizada
Disjunção	Um dos elementos apresenta uma alternativa (não necessariamente exclusiva) à(s) outra(s)	L reconhece que os elementos inter-relacionados constituem alternativas
Junção	nenhuma	nenhuma
Lista	Um elemento comparável a outros e ligado a outro N através de uma relação de Lista	L reconhece a possibilidade de comparação dos elementos relacionados
Reformulação	Um elemento constitui, em primeiro lugar, a repetição de outro,	L reconhece a repetição através

multinuclear	com o qual se encontra relacionado; os elementos são de importância semelhante aos objetivos de A	dos elementos relacionados
Sequência	Existe uma relação de sucessão entre as situações apresentadas nos núcleos	L reconhece as relações de sucessão entre os núcleos

Fonte: Mann, W.C., e Thompson, S.A. 1988. Rhetorical Structure Theory: Toward a functional theory of text organization. *Text*, 8 (3). 243-281. Disponível em: <©2005-2016 William C. Mann, Maite Taboada. All rights reserved.> Acesso em: 28.agosto.2016.

Poderá haver, na análise de um gênero ou texto, a sobreposição de relações, isto é, pode ocorrer entre as porções textuais mais de uma relação.

### **3. A ASSOCIAÇÃO DA TEORIA DA ESTRUTURA RETÓRICA COM OUTRAS ÁREAS DE CONHECIMENTO**

A RST pode se associar as outras áreas como, por exemplo, a Linguística Textual. Aqui no Brasil, já temos pesquisadores que estão fazendo essa articulação, dentre eles, destacamos: Maria Beatriz do Nascimento Decat (UFMG), na perspectiva da Linguística Textual, com um grupo de pesquisadores, do qual somos integrantes. E em outras áreas: Juliano Desiderato Antonio (UEM-PR) com a Gramática Descritiva Funcional- GDF e Maria Eduarda Giering (UNISINOS) com o foco nas teorias de E. Bernárdez.

Na área computacional, foi desenvolvido por Pardo (2005), no Brasil, o primeiro programa automático de análise retórica, denominado DIZER (DIscourse analyZER) para a nossa língua. O DIZER tem apresentado resultados satisfatórios para as estruturas argumentais do verbo.

### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nossa intenção, nesse artigo, foi o de divulgar a Teoria da Estrutura Retórica. Defendemos que essa teoria por meio de seus princípios norteadores poderá trazer um novo olhar para o entendimento e construção de textos. A teoria é funcionalista, o que elege a língua como uso real ou concreto em situações ou práticas sociais – pragmáticas, visando à interação.

Assim, a RST possui um arcabouço teórico coerente, capaz de responder aos questionamentos sobre o fazer textual: como fazer e para quem fazer; buscando a organização e, principalmente, a coerência, o que propiciará o entendimento entre os interlocutores.

Dessa forma, ratificamos que a RST pode contribuir eficazmente com a produção e entendimento de textos, desenvolvendo no aprendiz habilidades necessárias para essa ação linguística com a finalidade de interagir com e no outro.

## REFERÊNCIAS

ANTONIO, J. D. *Estrutura retórica e articulação de orações em narrativas orais e em narrativas escritas do Português*. Tese de Doutorado. Araraquara: UNESP, 2004.

CASTILHO, Ataliba T. Funcionalismo e gramática do português brasileiro. In: Souza, Edson Rosa. (org). *O funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. *Uma abordagem funcionalista para o estudo de processos linguísticos em gêneros textuais do português em uso*. Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 8, número 1, junho de 2012. ISSN 1808-835X 1. [<http://www.letras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>]

\_\_\_\_\_. *Estrutura retórica de orações em gêneros textuais diversos: uma abordagem funcionalista*. In: SARAIVA, M.E. F e MARINHO, J. H.C.(orgs). Estudos da língua em uso: da gramática ao texto. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010, p.233

DICK, S. C. Functional grammar. Dordrecht/ Cinnaminson: Foris Publications, 1978.

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1995.

MANN, W. C. *Discourse Structures for Text Generation*. California: University of Southern California, 1984

\_\_\_\_\_; THOMPSON, S. A. *Relational propositions in discourse*. California: University of Southern California: 1983, p.3-9.

\_\_\_\_\_.; THOMPSON, S. *Rhetorical Structure Theory: Toward a functional Theory of text organization*. California: University of Southern California. Text8 (3). [243-281]

\_\_\_\_\_.; THOMPSON, S. *Rhetorical Structure Theory and Text Analysis*. California: University of Southern California. ISI/RR-89-242, 1989.

\_\_\_\_\_.; MATTHIESSEN, C.; THOMPSON, S. A. Rhetorical Structure Theory and text analysis. In: MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. (Eds.). *Discourse description: diverse linguistic analyses of a fund-raising text*. Amsterdam: John Benjamins, 1992. p. 39-77.

MARQUESI, S.C. A organização do texto descritivo em língua portuguesa. Petrópolis: Rio de Janeiro, Vozes, 1995.

MATTHIESSEN, C. & THOMPSON, S.A The structure of discourse and “subordination”. IN:

NEVES, M.H.M. A Gramática Funcional. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. Texto e gramática, 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2013

PARDO, Thiago Alexandre Salgueiro. *Métodos para análise discursiva automática*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP- Instituto de Ciências e de Computação, 2005.

TABOADA, M. *Discourse as Signal (or not) of Rhetorical Relations*. In.: Journal of Pragmatics: Canada, 2006.

\_\_\_\_\_.; MANN, W. C. Rhetorical Structure Theory: looking back and moving ahead. *Discourse Studies*, v. 8, n. 3, p. 423-459, jun. 2006. Disponível em: <<http://dis.sagepub.com/cgi/content/abstract/8/3/423>>. Acesso em: 11. agosto. 2016

VILELA, M. e KOCH, I.V. *Gramática da Língua Portuguesa – gramática da palavra – gramática da frase - gramática do texto/discurso*. Coimbra, Portugal: Almedina, 2001.